

IX Jornada de Educação Especial: Qualidade de Vida para as Pessoas com Necessidades Educacionais Especiais: a dimensão das relações políticas, educacionais e familiares. Marília: unesp, 2008

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA CLASSES INCLUSIVAS E A IMPORTÂNCIA DO CONHECIMENTO ACERCA DAS ADAPTAÇÕES CURRICULARES

Edicleá Mascarenhas Fernandes: Professora Adjunta do Departamento de Educação Inclusiva e Continuada da Faculdade de Educação / UERJ- Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Inclusiva (NEI/UERJ) - ediclea@globocom.com

Annie Gomes Redig: Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professora substituta do Departamento de Educação Inclusiva e Educação Continuada da Faculdade de Educação/ UERJ. annieredig@yahoo.com.br

Eunice de Castro e Silva: Graduanda do Curso de Pedagogia, bolsista do Programa de Extensão do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Inclusiva (NEI/UERJ) - nicepeda@yahoo.com.br

Resumo: Este trabalho foi desenvolvido pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Inclusiva (NEI) da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e tem como objetivo discutir sobre a formação de professores nos cursos de Pedagogia e Licenciaturas e sobre adaptações curriculares de pequeno porte, confeccionados pelos alunos destes cursos. Segue uma metodologia qualitativa-participante, no qual os alunos produzem as adaptações e em seguida elas são catalogadas, fotografadas e armazenadas compondo um Banco de Adaptações Curriculares, que faz parte do projeto de extensão “Inclusão e Diversidade Humana: vivenciando linguagens”. Este banco de adaptações é volante, sendo transportado para diversos municípios do Rio de Janeiro, realizando oficinas curriculares de adaptações (OCA), possibilitando assim, uma reflexão das práticas pedagógicas dos professores. Desta forma, os professores que participam das oficinas e os futuros profissionais da educação que cursam as disciplinas, aprendem a importância das adaptações curriculares de pequeno porte no processo de ensino-aprendizagem dos alunos com necessidades educacionais especiais, ressignificando suas práticas pedagógicas e garantindo assim, uma educação de qualidade para todos.

Palavras-chave: Educação Inclusiva, Prática Pedagógica, Adaptações curriculares de pequeno porte.

Introdução

Este trabalho está vinculado ao Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Inclusiva (NEI-UERJ), da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e, tem por finalidade desenvolver nos estudantes do curso de Pedagogia e das Licenciaturas competência técnica para a organização de adaptações curriculares de pequeno porte no processo de inclusão do aluno com necessidades educativas especiais na escola regular.

A proposta da educação inclusiva tem sido nos últimos anos, amplamente debatida, pelas mais diversas instâncias sociais. Em 1994, a Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994) representou um marco favorável à inclusão, por fortalecer a idéia de que as escolas regulares devem receber todas as crianças, independentemente das dificuldades e diferenças existentes, quer física, social ou lingüística, procurando respeitar os diferentes ritmos de aprendizagem e formas de subjetivação.

Essa nova concepção de educação trouxe conseqüências para os mais diversos sistemas educacionais, inclusive no Brasil, que segundo Fernandes, Orrico, Silva e Redig (2007) trouxe a possibilidade do surgimento de um cenário de transformações acerca da oferta de atendimento educacional a alunos com necessidades especiais a partir do eixo norteador da inclusão social.

Indo de acordo com a Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994) e a portaria ministerial do Ensino Superior 1793 de 1994 (BRASIL, 1994) que recomenda a inclusão de disciplina obrigatória que trate dos aspectos ético- políticos da integração das pessoas portadoras de necessidades educativas especiais e com o propósito de formar profissionais da educação que sejam sensíveis à causa da educação inclusiva.

Neste sentido, a Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, oferece a disciplina “Prática Pedagógica em Educação Inclusiva” disponível para os cursos de Licenciaturas e a disciplina “Educação Inclusiva e Cotidiano Escolar” para o curso de Pedagogia, tendo como objetivos: apresentar os princípios filosóficos e teóricos da Educação Inclusiva, contextualizar processos de ensino e aprendizagem em ambientes escolares inclusivos e embasar os estudantes dos cursos de Licenciaturas e da Pedagogia com alternativas de adaptação curricular para garantir o acesso e aprendizagem de alunos com necessidades educacionais especiais.

Nessas disciplinas são abordadas como conteúdos programáticos questões teóricas acerca de estigma e exclusão social, histórico do atendimento das pessoas com deficiências e introdução aos aspectos legais das políticas públicas para pessoas com necessidades educacionais especiais, com destaque ao atendimento educacional, envolvendo práticas pedagógicas

contemporâneas baseadas nos conceitos de ajudas técnicas e adaptações curriculares, que constitui o foco principal desse estudo.

Metodologia

Esta pesquisa é desenvolvida a partir da abordagem da metodologia qualitativa-participante, em que através das aulas participativas os alunos possam compreender a importância da implementação das adaptações curriculares no processo de inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais. Assim como enfatizado na Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994) os alunos destas disciplinas compreendem que as diferenças humanas são normais e que o processo de ensino necessita ser adaptado às necessidades do educando, ao invés do inverso, ou seja, que o aluno deva adaptar-se aos pressupostos pré-concebidas em relação ao seu ritmo à natureza do processo de sua aprendizagem.

Nas disciplinas os estudantes entram em contato com alternativas de adaptação curricular para garantir o acesso e aprendizagem de alunos com necessidades educacionais especiais. A partir do pressuposto da educação inclusiva o aluno concebe a disciplina como um espaço de igualdade, liberdade, democracia, participação e autonomia. Durante todo o processo do curso, através dos memoriais dos alunos podemos identificar suas percepções acerca dos alunos com necessidades educacionais especiais e a transformação de algumas concepções.

“Na aula de Educação Inclusiva passei por uma experiência única que foi a de perceber o quanto podemos, com simples atos, fazer com que uma pessoa se sinta integrada no mundo social dos humanos. Aprendi também que as pessoas com necessidades especiais (não falo mais deficientes físicos ou mentais, por causa das aulas também) são apenas 'outros' e eu para eles sou apenas 'outro' se humano. Biologicamente somos iguais, mas vitalmente diferentes. Sei que como educador possuo a tarefa inigualável de saber que a educação não é somente para pessoas, mas sim para todas as pessoas, e que é possível, mesmo com tantas diferenças, conseguir educar qualquer ser humano para que ele adquira os conhecimentos do mundo” (Depoimento 1- aluno do curso de História).

“Agora posso pensar no que irei fazer para ajudar a um aluno cego, surdo, mudo ou com atraso mental a se inserir em sala de aula. Fazer uso de brinquedos, mapas em alto relevo, música, teatro e animação ajudariam a todos os tipos de alunos, não somente aos deficientes...” (Depoimento 2- aluna do Curso de Ciências Biológicas).

As adaptações construídas pelos alunos são catalogadas e armazenadas no banco de adaptações curriculares do Núcleo de Educação Inclusiva – NEI, onde ficam à disposição de alunos e professores. Este banco de adaptações está inserido no projeto de extensão “Inclusão

e Diversidade Humana: Vivenciando Linguagens” (FERNANDES, GLAT, ORRICO, REDIG, LEAL, FEIJÓ, 2005).

Depois de serem produzidas pelos alunos que cursam as disciplinas: “Educação Inclusiva e Cotidiano Escolar” - curso de pedagogia e “Prática Pedagógica em Educação Inclusiva” - cursos de licenciaturas, a adaptação curricular passa por um procedimento de catalogação: é fotografada, catalogada, envelopada em plástico transparente, onde é anexado uma ficha de identificação com breve descrição e finalidade do material.

O conceito de adaptações curriculares: da docência à atividade extensionista

De acordo com Oliveira e Machado (2007) adaptações curriculares envolvem modificações organizativas, nos objetivos e conteúdos, nas metodologias e na organização didática, na organização do tempo e na filosofia e estratégias de avaliação, permitindo o atendimento às necessidades educativas de todos os alunos, em relação à construção do conhecimento.

A Secretaria Nacional de Educação Especial Básica (BRASIL, 2000) recomenda a implantação de adaptações curriculares, para que a inclusão do aluno com deficiência possa ser significativa à sua vida social, afetiva e acadêmica.

Adaptações curriculares, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), dividem-se em dois tipos: adaptações curriculares de grande porte ou significativas, que são de encargo dos gestores da escola e as adaptações de pequeno porte ou não-significativas, de responsabilidade do professor. Estas adaptações tanto de grande quanto de pequeno porte se subdividem nas mesmas categorias que são: organizativas, objetivos de ensino, conteúdo, avaliação, método de ensino, temporalidade (FERNANDES & REDIG, 2005, 2006).

Segundo o Ministério da Educação e Cultura (BRASIL, 2002) as adaptações curriculares suscitam reflexões acerca da forma de pensar e da atitude dos educadores em relação aos seus alunos que tem alguma dificuldade de aprendizagem, isto é, como podem atender, a partir do currículo, às diferenças individuais, em especial quando acentuadas. Elas são as respostas educativas que devem ser dadas pelo sistema educacional, de forma a favorecer a todos os alunos.

O banco de dados de adaptações curriculares produzido no cotidiano das turmas de Pedagogia e Licenciaturas é um projeto de extensão que tem por finalidade auxiliar professores da Educação Básica no processo de inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais. Este banco é volante e é apresentado em oficinas e encontros de redes de ensino. Atualmente, este Banco de Dados de Adaptações Curriculares, tem aproximadamente noventa e cinco adaptações.

O projeto tem como objetivo contribuir com a formação continuada de professores; com a avaliação das potencialidades afetivas, cognitivas, motoras e lingüísticas dos alunos com necessidades educativas especiais; além de identificar as áreas de necessidades para a promoção de adaptações curriculares.

A metodologia qualitativa-participante possibilita a dinamização em situação de cotidiano de salas de aula. E as oficinas curriculares de adaptações (OCA) são dinamizadas por alunos bolsistas ou ex-alunos das disciplinas “Educação Inclusiva e Cotidiano Escolar” e “Prática Pedagógica em Educação Inclusiva”.

No que concerne ao cotidiano escolar, foram desenvolvidas atividades extensionistas em salas de aula das redes públicas no âmbito do Estado do Rio de Janeiro, e fora do mesmo. Através das oficinas curriculares de adaptações (OCA), estes materiais são transportados para diversos municípios do Rio de Janeiro, a fim de capacitar os profissionais da educação para atuar em classes regulares.

O projeto foi desenvolvido em diversas secretarias de Educação do Estado e apresentado no Congresso Nacional de Pesquisadores em Educação Especial, no XIII Encontro Nacional de Didática e Prática Pedagógica, no I Encontro de Educação Inclusiva de Goiânia e de Pato Branco.

As adaptações de pequeno porte, que são o foco desta pesquisa, beneficiam não só os alunos com necessidades educativas especiais, mas também todos os demais, visto que aprendem de forma lúdica e criativa as diversas linguagens e possibilidades de expressão do humano. Segundo Fernandes e Redig (2006, p.8) “as adaptações de pequeno porte facilitam a aquisição de conteúdos por alunos com necessidades especiais, desenvolvendo a autonomia ao realizar as tarefas.”

Reily (2004) afirma que em uma escola inclusiva o aprendizado é feito através da ação e mediação. De acordo com Perondi, Tronca e Tronca (2001, p.51) “para as crianças aprenderem, precisam de estímulos múltiplos (sonoros, visuais, olfativos, etc.), verdadeiros desafios intelectuais. Precisam de professores que percebam seu potencial e os estimulem de diferentes formas.”

As oficinas e palestras sobre as adaptações curriculares de pequeno porte visam, principalmente, transformar a atitude do professor da sala regular, fazendo com que ele se perceba como agente inclusivista.

A inclusão de um aluno com necessidade educacional especial é um desafio, por isso é fundamental esta iniciativa, pois permite ao professor a percepção e vivência de que o

processo de inclusão de alunos com necessidades educativas especiais em turmas regulares, não é tão complexo, sendo necessários a adequação dos conteúdos e as diversas linguagens.

“A impossibilidade de caminhar não significa impossibilidade de se locomover, não enxergar não significa não ver, não poder ouvir não significa não escutar, não poder falar não significa não se expressar- enfim, a incapacidade de uma ação não mina a possibilidade de outra em um indivíduo com alguma limitação. A igualdade não implica que todos devam experimentar o mundo da mesma maneira, mas sim permitir a cada diferença experimentar seu mundo, com seu gosto especial.”
(Depoimento 3- aluno do Curso de História).

Considerações Finais

Apesar de todo o aparato legislativo, quer seja no âmbito universal ou nacional, o sistema de educação brasileiro ainda apresenta dificuldades concernentes a total implementação da proposta da educação inclusiva. Muitos são os discursos que afirmam que precisamos de professores mais qualificados, ou ainda, que o Brasil está preparado para a Educação Inclusiva no papel. Como pesquisadores da prática educativa temos de estar cientes de que um dos objetivos da Universidade, como instituição social, é o de preparar os futuros professores para atuar com a diversidade, sendo esta de qualquer tipo, formando-os para serem agentes de transformação social – agentes de uma sociedade inclusiva. Foi com esse pensamento e ideologia que buscamos elaborar os mecanismos e metodologias que foram expostos nesse trabalho, em que o aluno reflete sobre sua prática pedagógica e seu papel social.

Tanto o projeto *Inclusão e Diversidade Humana: Vivenciando Linguagens* como as disciplinas nos cursos de Licenciatura e Pedagogia ao trabalhar com as adaptações curriculares de pequeno porte, têm como principal finalidade ajudar os graduandos, professores e outros que participam do projeto a entender que cada indivíduo é diferente e que adaptar o currículo é benefício para educandos e educadores, assim como para todos os outros que venham a participar do processo de inclusão.

Assim, faz-se de suma importância a existência de espaços para discussão, pesquisa e produção de conhecimento desta temática, além de diálogos e trocas de experiências, visando mostrar que a inclusão de pessoas que necessitam de adaptação curricular é viável e enriquecedora para toda a sociedade.

Como relevância social, este trabalho sensibiliza professores e sociedade para o processo de inclusão de alunos com necessidades educativas especiais em escolas regulares. Conseguimos dinamizar um novo olhar sobre a inclusão, uma narrativa diferenciada daquela que afirma que a inclusão só está na Lei e que nem os professores nem o Brasil estão preparados para isso.

Pois procuramos aqui, mostrar recursos que ajudam a tornar a real inclusão possível, propiciando uma educação de qualidade para todos.

Referências bibliográficas

BRASIL. *Portaria 1793 de dezembro de 1994*. Disponível no site www.mec.gov.br Acessado em julho de 2007.

_____. Ministério da Educação e Cultura. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Adaptações Curriculares*. Brasília: MEC, SEESP, 1998.

_____. Ministério da Educação e Cultura. *Projeto Escola Viva – garantindo o acesso e permanência de todos os alunos na escola – alunos com necessidades educacionais especiais*. Brasília: MEC, SEESP, 2000.

_____. Ministério da Educação. *Estratégias e orientações para a educação de alunos com dificuldades acentuadas de aprendizagem associado às condutas típicas*. Brasília: MEC, SEESP, 2002

FERNANDES, E. M.; REDIG, A.G. Estudo de caso sobre adaptações curriculares em uma classe regular. In: *Anais de resumos do I Congresso Internacional de Linguagem e Comunicação da Pessoa com Deficiência e I Congresso Brasileiro de Comunicação Alternativa – ISAAC Brasil*. Rio de Janeiro: UERJ, 2005.

____ & GLAT, R. ; ORRICO,H.; REDIG, A. G. ; LEAL, F. ; FEIJÓ, G. A inclusão de pessoas com necessidades especiais através dos projetos de extensão do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Inclusiva da UERJ. In: *Revista Interagir (UERJ)*. Rio de Janeiro: RJ: 2005. v. 7, p. 141-146. ISSN 15198847.

_____. Adaptações curriculares no processo de aprendizagem da Língua Inglesa por uma aluna com Síndrome de Down. In: *Anais eletrônicos do XIII ENDIPE – Encontro nacional de didática e prática de ensino*. Recife: PE, 2006.

____ & ORRICO, H.; SILVA, A. C. F. da; REDIG. A. G. A disciplina Prática Pedagógica em Educação Inclusiva no currículo das licenciaturas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro: uma proposta de formação reflexiva. In: *Anais do IV Congresso Brasileiro Multidisciplinar de Educação Especial*. Londrina: PR, 2007.

OLIVEIRA, E.; MACHADO, K. da S. Adaptações curriculares: caminho para uma Educação Inclusiva. In: GLAT, R. (Orgs.) *Educação Inclusiva: cultura e cotidiano escolar*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

PERONDI, D.; TRONCA, D. S.; TRONCA, F. Z. *Processo de alfabetização e desenvolvimento do grafismo infantil*. Caxias do Sul: EDUCS, 2001.

REILY, L. *Escola inclusiva: linguagem e mediação*. Campinas, SP: Papyrus, 2004.

UNESCO. *Declaração de Salamanca e linhas de ação sobre necessidades educativas especiais*. 1994.